

A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas 5

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Éverton Nery Carneiro
(Organizadores)



Atena
Editora

Ano 2020

A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas 5

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Éverton Nery Carneiro
(Organizadores)



Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| E24 | <p>A educação no âmbito do político e de suas tramas 5 [Recurso eletrônico] / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Éverton Nery Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-051-3 DOI 10.22533/at.ed.513201805</p> <p>1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Políticas públicas. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Catarino, Elisângela Maura. III. Carneiro, Éverton Nery.</p> <p style="text-align: right;">CDD 379.81</p> |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Caríssimos leitores, apresentamos a vocês mais um e-book e, em seus textos, várias possibilidades de reflexão e de uma relação dialógica da educação com os contextos sociais. Pensar e fazer educação no terceiro milênio é um grande desafio. Marcada por uma infinidade de acontecimentos, a educação é o maior observatório social, onde perpassa a complexidade e a diversidade do cotidiano. Organizado em dois eixos temáticos – Educação e seus liames, e Educação e suas tramas sociais – compreendendo 23 artigos, nasce o e-book ‘A Educação no Âmbito do Político e de suas Tramas 5’.

Os diálogos promovidos no primeiro eixo temático levam a discussões em torno da “Multifuncionalidade do professor...; Educação ambiental...; O fazer docente e a busca da emancipação do aluno...; Gestão...; Instrumentalização na formação de professores...; Prática pedagógica...; Aprendizagem/experiência pedagógica...; Arte/Educação-Ensino Infantil...; Avaliação da Educação Básica...; Educação a distância para democratização do acesso a informação...;O sonhar e o lutar por uma Universidade Popular”. Todo esse aparato são amostras de discussões feitas em várias universidades do território brasileiro que, agora, socializamos com vocês, leitores.

O segundo eixo, traz 12 textos que estabelecem relações entre educação e as tramas sociais, articulando um conjunto interessantíssimo de ideias que perpassam a “Educação Superior em Goiás; Educação com imigrantes haitianos; Educação Corporativa; Educação não formal- ONGS e Movimentos Sociais; Educação Profissional; Escola sem fronteira; Ensino híbrido; Estratégias/discursos na reforma educacional mineira (1891-1906); Evasão no Ensino Técnico; Fundamentos interdisciplinaridade na BNCC e Identidade profissional”, todos fruto de investigações e produção de saberes, de pesquisadores brasileiros de áreas diversas. Para dar conta das discussões no eixo da política e das tramas sociais, organizamos esta obra com 23 textos, contendo debates férteis que nascem no cerne da educação. Com isso desejamos a todos uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Éverton Nery Carneiro

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO E SEUS LIAMES

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| A “MULTIFUNCIONALIDADE” DO PROFESSOR DO AEE NA POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA | |
| Luciana de Jesus Botelho Sodré dos Santos Íris Maria Ribeiro Porto | |
| DOI 10.22533/at.ed.5132018051 | |
| CAPÍTULO 2 | 12 |
| A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO INSTRUMENTO DE APOIO À GESTÃO MUNICIPAL DE RECURSOS HÍDRICOS: RELATO DO PROJETO INTERSETORIAL GOTAS DE SABEDORIA | |
| Natália Zanetti Erika de Freitas Roldão Angela Maria da Costa Grandó Vânia Maria Vieira Sanches Miranda Felipe Augusto Ferreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.5132018052 | |
| CAPÍTULO 3 | 27 |
| A FUNÇÃO DA DIDÁTICA CONTEMPORÂNEA NO FAZER DOCENTE, EM BUSCA DA EMANCIPAÇÃO DO ALUNO “REAL” | |
| Ieda Márcia Donati Linck Fabiane da Silva Verissimo Maria Aparecida Santana Camargo Rosane Rodrigues Felix | |
| DOI 10.22533/at.ed.5132018053 | |
| CAPÍTULO 4 | 37 |
| A GESTÃO DAS TRAMAS COTIDIANAS DO PROGRAMA MULHERES MIL, COMO POLÍTICA EDUCACIONAL | |
| Nilva Celestina do Carmo Maria das Dores Saraiva de Loreto Eduardo Simonini Lopes Fabiola Faria da Cruz Rodrigues | |
| DOI 10.22533/at.ed.5132018054 | |
| CAPÍTULO 5 | 48 |
| A INSTRUMENTALIZAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O ECLIPSE DA FORMAÇÃO CULTURAL | |
| Ana Cristina da Silva Amado | |
| DOI 10.22533/at.ed.5132018055 | |
| CAPÍTULO 6 | 61 |
| A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE QUÍMICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL | |
| Petronio Silva de Oliveira José Laécio de Moraes Francisco Evanildo Simão da Silva Josenilton Bernardo da Silva Maria Magnólia Batista Florêncio | |

Raimundo Alves Cândido
Ulisses Costa de Oliveira
Abraão Lima Verde

DOI 10.22533/at.ed.5132018056

CAPÍTULO 7 73

APRENDIZAGEM EM NUCLEAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA A PARTIR DAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS

Graciela Zachar Gómez
Caio Augusto de Lima Castro

DOI 10.22533/at.ed.5132018057

CAPÍTULO 8 80

ARTE/EDUCAÇÃO COM PRÉ-HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DA PROPOSTA TRIANGULAR NAS AULAS DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO NO ENSINO INFANTIL

Daniel Henrique Alves de Castro
Roberta Puccetti

DOI 10.22533/at.ed.5132018058

CAPÍTULO 9 92

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DESCOMPASSO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

Maria Emília Gonzaga de Souza
Gabriel Santos Pereira
Martha Elisa Santos

DOI 10.22533/at.ed.5132018059

CAPÍTULO 10 100

CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO DE GESTORES MUNICIPAIS DE CONSELHOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Alexandre Carlo do Nascimento
Ronan da Silva Parreira Gaia
Fabio Scorsolini-Comin

DOI 10.22533/at.ed.51320180510

CAPÍTULO 11 115

DEMOCRATIZAR O ENSINO SUPERIOR E NÃO DEIXAR DE SONHAR: LUTAMOS POR UMA UNIVERSIDADE POPULAR

Rafael Arenhaldt
Samara Ayres Moraes

DOI 10.22533/at.ed.51320180511

EDUCAÇÃO E SUAS TRAMAS SOCIAIS

CAPÍTULO 12 123

DOM EMANUEL GOMES DE OLIVEIRA E A EDUCAÇÃO SUPERIOR EM GOIÁS (1923 - 1955)

Maximiliano Gonçalves da Costa

DOI 10.22533/at.ed.51320180512

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 13 | 133 |
| EDUCAÇÃO COM IMIGRANTES HAITIANOS: UMA EXPERIÊNCIA NA PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS | |
| Sandra Felício Roldão Sirlei de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.51320180513 | |
| CAPÍTULO 14 | 148 |
| EDUCAÇÃO CORPORATIVA: COMPETÊNCIA EM COMUNICAÇÃO | |
| Adriane Camargo Rezende Perdigão Roberto Kanaane | |
| DOI 10.22533/at.ed.51320180514 | |
| CAPÍTULO 15 | 158 |
| EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL - ONGS E MOVIMENTOS SOCIAIS: SONHO OU PESADELO? O DESAFIO DA EDUCAÇÃO NO TERCEIRO SETOR | |
| Gustavo Kosieniczuk Gomes Maria Ruth Sartori da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.51320180515 | |
| CAPÍTULO 16 | 170 |
| EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E IDENTIDADE EMPREENDEDORA | |
| Simone Aparecida Torres de Souza Cunegundes Roberto Kanaane | |
| DOI 10.22533/at.ed.51320180516 | |
| CAPÍTULO 17 | 182 |
| EDUCAÇÃO: ESCOLA SEM FRONTEIRAS | |
| Jacqueline Alves de Oliveira Costa Farias Fábio Luiz da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.51320180517 | |
| CAPÍTULO 18 | 188 |
| ENSINANDO BIOLOGIA: HISTOLOGIA NA PERSPECTIVA DO ENSINO HÍBRIDO | |
| Joseane Maria Rachid Martins Mariana da Rocha Piemonte | |
| DOI 10.22533/at.ed.51320180518 | |
| CAPÍTULO 19 | 199 |
| ESTRATÉGIAS, IMAGENS E IMAGINÁRIOS ATUANTES NOS DISCURSOS POLÍTICOS REFORMISTAS EDUCACIONAIS EM MINAS GERAIS (1891-1906) | |
| Raphael Ribeiro Machado | |
| DOI 10.22533/at.ed.51320180519 | |
| CAPÍTULO 20 | 215 |
| EVASÃO NO ENSINO TÉCNICO: ESTUDO DE CASO | |
| Claudio Kubilius Roberto Kanaane | |
| DOI 10.22533/at.ed.51320180520 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 21 | 226 |
| FUNDAMENTOS DA INTERDISCIPLINARIDADE NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: UM ESTUDO SOBRE A ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA | |
| Luíza Olívia Lacerda Ramos Nisângela Oliveira Santana | |
| DOI 10.22533/at.ed.51320180521 | |
| CAPÍTULO 22 | 233 |
| IDENTIDADE DOCENTE: TRANSFORMANDO PARA TRANSFORMAR | |
| Italo Francesco dos Santos Soares Ferreira Ângela Pereira Teixeira Victória Palma | |
| DOI 10.22533/at.ed.51320180522 | |
| CAPÍTULO 23 | 244 |
| UM ESTUDO SOBRE OS CONCEITOS E ABORDAGENS RELACIONADAS ÀS TICS NO CURRÍCULO DA CIDADE DE SÃO PAULO | |
| Carlos Adriano Martins Priscila Bernardo Martins | |
| DOI 10.22533/at.ed.51320180523 | |
| SOBRE OS ORGANIZADORES | 251 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 252 |

ARTE/EDUCAÇÃO COM PRÉ-HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DA PROPOSTA TRIANGULAR NAS AULAS DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO NO ENSINO INFANTIL

Data de aceite: 11/05/2020

Daniel Henrique Alves de Castro

Estudante do quarto ano de Artes Visuais na Universidade Estadual de Londrina-UEL.

daniel.castro2712@gmail.com

Roberta Puccetti

Graduada em Educação Artística -Licenciatura Plena em Artes Plásticas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1985), Especialista em Arteterapia pela Universidade Castelo Branco (2007), Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1995) e Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2002). Participa do Banco de Avaliadores do Ministério da Educação, Professora da Universidade Estadual de Londrina.

E-mail: robertapuccetti@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo baseia-se em relato de experiência com o objetivo de buscar uma reflexão sobre a importância da arte no currículo escolar, por meio dos diálogos entre autores que pesquisam a área, como Maria Heloísa Corrêa de Toledo, Rubens Alves, autores do DBAE e principalmente a professora Ana Mae Barbosa, contextualizando sua proposta triangular, quando relaciona o fazer artístico, a leitura da imagem e a história da arte. A

partir desse conhecimento, procuramos uma reflexão expositiva sobre as aulas do estágio supervisionado na licenciatura em Artes Visuais da Uel, pautado nos estudos da história da arte, descrevendo a prática e os acontecimentos em sala de aula, bem como, os êxitos, falhas e conhecimentos adquiridos por meio da relação entre aluno e professor.

PALAVRAS-CHAVE: Arte/Educação – Pré-História – Proposta-Triangular

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a importância da educação na atualidade, junto com a discussão da relevância da arte para a construção cognitiva-perceptiva dos alunos em sua vida são temas recorrentes que possuem relevância em nosso contexto político-social.

A arte como educação é necessária para a criação cognitiva das crianças, auxilia no crescimento perceptivo do mundo em que a rodeia e possibilita uma capacitação criativa que o permeia nas demais disciplinas da escola. Um método expositivo que direciona os docentes ao caminho seguro no ensino da arte é a Proposta Triangular abordada pela profa.Dra. Ana Mae Barbosa. Ela propõe uma

tríplice estrutura de conhecimento artístico para a elaboração das aulas, o fazer artístico, a leitura da imagem e a história da arte.

Por meio dessa abordagem foi elaborado o plano de aula para o estágio Supervisionado obrigatório, no curso de Artes Visuais da UEL, na educação infantil com o tema - conteúdo arte da pré-histórica.

ARTE/EDUCAÇÃO

A arte em uma análise prática-funcional não possui uma utilização em detrimento a algo necessário a sobrevivência humana, porém não vivemos sem ela. Como disserta Maria Heloísa Corrêa de Toledo, desde a nossa infância, interagimos com manifestações culturais no ambiente em que vivemos e vamos aprendendo a nos simpatizar com certas imagens, objetos, músicas, movimentos, história, jogos e informações que fazem parte de nosso cotidiano. E para ela a importância da arte é “devida a função indispensável que ela (a arte) ocupa na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos fatores essenciais de humanização.” (1993, p.16)

Essa humanização, segundo Anamelia Bueno Buoro (1996), é um papel crucial da arte como linguagem, pois ela possibilita dar conta dos conhecimentos específicos do ser humano em suas relações consigo, com o outro e com o mundo em que vive. A arte/educação proporciona trabalhar tanto a sensível como o inteligível, ocasionando em uma busca da humanização do homem e uma sensibilidade artística e cognitivo.

Para ilustrar essa reflexão trazemos Rubem Alves (2016) que ao refletir sobre a arte na educação, alude a uma metáfora sobre caixa de ferramentas e caixa de brinquedo

Uso a imagem para traduzir as duas tarefas da educação. Sempre carregamos duas caixas, uma de ferramentas (facas, serrotes, computadores, palavras) ... Caixa de ferramentas nos dá meios para viver, mas não razões para viver. As razões para viver estão na caixa de brinquedos. O que são os brinquedos? São as coisas que não servem para nada. Não tem a menor utilidade prática. Qual a utilidade de um pião, da bola de gude, de um jogo de computador? Por que então a gente brinca? Porque dá prazer. Tudo que não serve para nada mas dá prazer é brinquedo. As sonatas de Mozart, os poemas de Fernando Pessoa. Não servem para nada, não são técnicas. A única função da gente na caixa de ferramentas é arranjar a chave que abra a caixa dos brinquedos. (ALVES, 2006, p.10)

Portanto, a arte mesmo não sendo algo necessário para a sobrevivência do homem, ela permite uma sensibilidade da natureza humana que vai contra ao pensamento mecanicista e técnico, onde necessita que todas as ações tenham um fim prático, ou seja, mercadológico. E não apenas isso, ela permite uma maior vivência emotiva e cognitiva que abrange a nossa interação com nós mesmo e na

sociedade.

Ana Mae Barbosa (1975), amplia essa análise em que, a arte é um modo de organizar experiências e o objetivo da arte no Processo Educativo é desenvolver os processos mentais. Essas experiências permeiam desde a infância, onde nos primeiros desenhos ela busca compreender o seu significado, mesmo que a princípio ela esteja recluso em dar significado a todas as coisas, ela utiliza o desenho como um instrumento para explorar o mundo que o circunda e estabelecem relações dentro dele.

Para tal, os docentes precisam em suas aulas um desenvolvimento em que contribuam para o crescimento de seus alunos, como defende Toledo (1993), desenvolver novas habilidades e saberes básicos, significados e ampliadores que desenvolvam sensibilidades e cognições a respeito das modalidades artísticas.

A arte/educação é fundamental para o desenvolvimento dos discentes em sua formação intelectual, sensorial e humana, pois é por meio dela que possuirão uma propensão a uma maior compreensão da sua sociedade que os rodeiam.

PROPOSTA TRIANGULAR

A reflexão sobre a importância da arte/educação nas escolas é necessária em nosso contexto sócio-político, e um mecanismo que auxilia na proliferação dos conhecimentos artísticos é a proposta triangular que interliga o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte. Essa proposta, segundo Ana Mae Barbosa (1991) auxilia a criança em suas necessidades, interesses de tal forma que seu desenvolvimento é respeitado, ao mesmo tempo que é respeitado a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura.

A pesquisa entre educadores de arte que procuram a ligação entre esses três elementos se firmou a partir dos anos 60 com pesquisadores da Inglaterra e dos Estados Unidos. Ana Mae (1991) recorda que esse pensamento começou a ser defendida por Richard Hamilton, com a ajuda de alguns artistas professores que estruturaram as bases teóricas-práticas do DBAE, isto é, Disciplined-Based-Arte Education.

Para Elliot Eisner, junto com Grent Wilson e Ralph Smith engendraram uma estrutura teórica que aborda, segundo esses autores, os quatro temas mais importantes da arte: “elas a produzem, elas a veem, elas procuram entender seu lugar na cultura através do tempo, elas fazem julgamento acerca de sua qualidade.” (BARBOSA, 1991, p.37). Esse e outros autores compõem o DBAE, eles:

Valorizam a produção artística como uma das vertentes da construção de conhecimento em artes. Nesta concepção, há informações culturais e históricas que precisam ser ensinadas, bem como análise de obras de arte. ” (PILLAR, 1992, p.5)

A adaptação da proposta do DBAE para o Brasil se deu por meio da professora Ana Mae Barbosa, com algumas modificações. Na concepção original, há quatro instâncias do conhecimento de arte: a produção, crítica, a estética e a história da arte. Ana Mae une os temas da crítica e estética a “leitura da imagem”. Assim, é constituída a proposta triangular, que compõe três vertentes: o fazer artístico, a leitura de imagem e a história da arte.

O fazer artístico está interligado ao processo criativo, onde a interpretação e representação pessoal de vivências se expressa em uma linguagem plástica.

É somente através do fazer que a criança e o adolescente podem descobrir as possibilidades e limitações das linguagens expressivas de seus diferentes materiais e instrumentos. O fazer é uma das atividades que estimula a aprendizagem da história da arte e a leitura de imagens. Por outro lado, a produção associada às imagens pode colaborar para a construção de formas com maior força expressiva, ao mesmo tempo em que estimula o pensar sobre a criação visual. (PILLAR, 1992, p.8)

A leitura de imagens se desenvolve através do contato dos alunos com as produções artísticas, aprimorando a sua forma de ver, julgar e interpretar as qualidades das obras, compreendendo as relações com os elementos presente no trabalho. “Ler uma imagem é saboreá-la em seus diversos significados, criando distintas interpretações prazerosamente” (PILLAR, 1992, p.9)

Para isso é preciso não deixar que esse exercício não seja algo mecânico ou um questionário sobre as características sobre o que é observado. A leitura das imagens proporciona uma sintaxe entre o conhecimento do professor, do aluno e do artista. Uma imagem permite inúmeras leituras distinguíveis em função das relações com a obra, artista, contexto social-político e pessoal. Nesse sentido, pode-se ler a mesma imagem em diferentes abordagens como a gestáltica, semiológica, iconográfica, estética, entre outras.

O estudo da história da arte na proposta triangular consiste em contextualizar a obra de arte no tempo e explorar suas circunstâncias. Não de uma forma linear, como uma evolução da arte durante o tempo, e sim, uma percepção de que a arte não está isolada de nosso cotidiano ou de nossa história pessoal. “Apesar de ser um produto da fantasia e da imaginação, a arte não está separada da economia, da política e dos padrões sociais que operam a sociedade. ” (PILLAR, 1992, p.9)

A proposta é examinar cada obra de arte em seu contexto sociocultural do artista e da ideia presente na obra, estabelecendo associações com o âmbito cultural do aluno.

Essas três propostas precisam ser trabalhadas de forma coaduna, e não

isoladamente. Pois, a aquisição de conhecimentos, a produção e a compreensão se completam e se enriquecem mutuamente. Desse modo, a metodologia triangular busca colaborar para uma alfabetização visual. Ou seja, preparar as crianças e adolescente a lerem as imagens em seu cotidiano, como enfatiza Ana Mae Barbosa:

Temos que alfabetizar para a leitura de imagens. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a preparemos para aprender a gramática da imagem em movimento. (BARBOSA, 1991, p.34)

Portanto, a arte não possui uma importância a parte dos outros conhecimentos presentes no currículo escolar, pelo contrário, sua importância é crucial para a compreensão do todo em que os alunos estão inseridos, interagindo com as imagens que o permeiam, concebendo ligações simbólicas.

A PROPOSTA TRIANGULAR NO ESTÁGIO

O Estágio Supervisionado da área de artes visuais da Universidade Estadual de Londrina foi na disciplina de Estágio Supervisionado I, na Escola Municipal/CMEI Hikoma Udihara, localizada na cidade de Londrina, no estado Paraná. Foi realizado no período de 03 de maio de 2018 a 28 de junho de 2018 no período vespertino, sendo observada as turmas de 1º ano, 2º ano.

Para esse estágio foi utilizado como referência a Diretrizes Curriculares da Educação Básica em Arte no Estado do Paraná, a proposta triangular de Ana Mae Barbosa, e o tema-conteúdo da Pré-história, como uma forma de humanização por meio da arte e das nuances do fazer artístico do homem primitivo, juntos com suas experimentações com a cor, forma, símbolo, desenho e composição uma experiência sensitiva com os alunos

A arte, em sentido lato, está presente desde os primórdios da humanidade, é uma forma de trabalho criador. Pelo trabalho o ser humano transforma a natureza e a si, pois, ao produzir a própria existência retirando da natureza o seu sustento, gradativamente transforma os objetos naturais em ferramentas que lhe possibilitam acelerar o processo de transformação do natural em humano (FISCHER, 2002, p. 23).

Para a elaboração dos planos de aula foi levado em consideração algumas referências de professoras que já trabalharam com arte primitiva como a Priscila Macedo (2016).

Foi trabalhado com os alunos imagens de pintura rupestre no data show, explicando a sua origem e como era o homem antes da civilização. Buscando o que Grombich disse no texto “Estranhos Começos”, “penetrar na mente dos povos primitivos e descobrir qual é o gênero de experiência que os faz pensar em imagens

como algo poderoso para ser usado e não como algo bonito para se contemplar” (2000, p.15). Contextualizando com a vida cotidiana dos alunos sobre o porquê do desenho e da pintura.

Dado o conhecimento sobre a história da arte e a análise de algumas obras de artes, o planejamento segue com a produção imagética, desenvolvendo diferentes formas ao longo das aulas. A pré-história foi o assunto estruturante deste plano de aula.

A primeira aula expositiva foi abordada a arte rupestre com um linguajar simplório, por se tratar de crianças com a faixa etária de 6 a 7 anos. Mesmo com pouca idade, o tema estruturante foi um bom mecanismo para desenvolver as demais atividades no estágio. Segundo Ana Mae sobre a história da arte na proposta: “Cada geração tem direito de olhar e interpretar a história de uma maneira própria, dando um significado à história que não tem significação em si mesma.” (1991, p.38). Para isso, procurei desenvolver uma análise sobre a pré-história que pudessem criar conexões com eles mesmo e com o período.

Após apresentando o tema, e como um meio deles entenderem o que é o homem pré-histórico, o termo utilizado foi “homem das cavernas”, seguindo com uma exposição de perguntas e respostas sobre o que eles sabiam do tema. A maioria ligava aos dinossauros. No segundo ano foi interessante, pois alguns ligaram a relação dos homens das cavernas com os índios, como se os índios fossem “pré-históricos”. E ao demais, falavam coisas a partir de filmes vistos, como homens com um pedaço de madeira, que são “burros”, que moravam em cavernas entre outras coisas.

Foi apresentado as imagens de pinturas rupestres e algumas histórias relacionadas a elas, de forma bem simples que não complicasse o entendimento das crianças. Por fim, as imagens de mãos em negativos, explicando como faziam na época.

Ao decorrer das explicações, foi instigado a alguns alunos a explorarem sobre o que observavam nas pinturas apresentadas, buscando desenvolver a leitura de imagem rupestre. Como por exemplo, algumas imagens do neolítico, que representa cenas do cotidiano, desenvolvendo perguntas para que conseguissem analisar e contar para a turma o que observavam, buscando atrelar aos seus conhecimentos uma alfabetização imagética.

O intuito da atividade prática, no primeiro dia, é eles experimentarem a cor e a forma da tinta, sem terem medo de se sujar, e experimentar longinquamente o fazer artístico primitivo. Para auxiliar a explicação, foi mostrado dois trabalhos que eu fiz, uma com tinta nanquim em que preenchia o contorno da minha mão, esmiuçando uma mão em negativo, e a outra com a minha mão suja de giz pastel seco impresso no papel. A atividade consistia em fazer essas duas formas. As atividades foram

feitas em folha sulfite A4.

Alguns a princípio não gostaram da ideia, pois teriam que sujar as mãos. Para tal, foi explicado que o objetivo da atividade é esse, pois era semelhante da forma que se pintavam antigamente, e que não tinha problema em se sujar. Outro objetivo que foi proposto aos alunos é sobre a relevância de não criarem um desenho pelo desenho, e sim, buscar contar uma história através da produção pictórica.

Nesse momento do desenvolvimento artístico, segundo Robert William Ott, “assume particular relevância para o ensino da arte. Oscar Wilde observou que é o artista como crítico quem inventa os inumeráveis sentidos da beleza.” (BARBOSA, 1997, P.125)



Fotografia 1: Pinturas em sulfite A4 com giz pastel seco e tinta guache

Fonte: Arquivo pessoal



Fotografia 2: Pinturas em sulfite A4 com tinta guache

Fonte: Arquivo pessoal

Na segunda aula, foi colocado uma imagem de pintura rupestre no Datashow e foi solicitado a eles que contassem uma história sobre a pintura. E com isso, por meio das imagens das pinturas rupestres comentados na aula anterior, produziram uma imagem que recordassem o estilo pré-histórico de se pintar, utilizando giz de cera ou lápis de cor. Usaram a cor direto no papel para fazer as figuras, sem traçar os contornos. Examinado para que eles conseguissem compreender a história que estavam pintando.

Alguns tiveram dificuldades de começar, e a orientação foi que observassem o desenho e o que acontecia na cena e depois como contar uma cena parecida com uma produção imagética, se imaginando como uma pessoa que viveu nesse

período.

Era interessante que alguns compreenderam que a imagem não tinha fundo, e outros pintava a parte de baixo verde e fazia a pintura se fixar ao chão. Após essa análise, foi perguntado se o desenho tinha fundo, e após a pergunta, percebiam que fizeram diferente das imagens referenciais, com uma base para todos as figuras (figura 3), e a proposta era desenhar os personagens dispostos em todo o plano (figura 4, 5 e 6). Segue alguns exemplos abaixo:



Fotografia 3: Pintura em sulfite A4 com Giz de Cera

Fonte: Arquivo pessoal



Fotografia 4: Pintura em sulfite A4 com Giz de Cera.

Fonte: Arquivo pessoal



Fotografia 5: Pintura em sulfite A4 com Giz de Cera

Fonte: Arquivo pessoal



Fotografia 6: Pintura em sulfite A4 com Giz de Cera

Fonte: Arquivo pessoal

O aluno da atividade da figura 3 teve dificuldades de se abster do chão para compor a sua pintura, já as duas a seguir (figura 4 e figura 5) conseguiram compreender que na imagem não tinha um chão definido no plano inferior, e os desenhos eram compostos com uma certa profundidade. Alguns entenderam tão bem que pintaram o fundo de marrom. Alguns alunos do primeiro ano desenharam a caverna e pessoas pintando dentro (figura 6), mostrando dificuldades para entender que era para eles pintarem como se fosse uma pintura rupestre, e não alguém pintando de lá.

Na terceira aula, a turma foi dividida em grupos de 4 a 5 pessoas, foi mostrado uma pintura rupestre e mais uma vez eles a contaram uma história sobre a pintura. Com isso, eles precisavam produzir uma imagem que recordasse o estilo pré-histórico de se pintar, utilizando tinta guache para fazer os desenhos em uma cartolina conjunta, ou seja, pensariam em grupo como elaborar o desenho. Antes eles fizeram essa atividade individualmente, agora o objetivo era incentivar a coletividade.

Tiveram dificuldades de compreender o que foi proposto e alguns deles se distraíram, não se importando com a produção. Parte deles buscaram fazer algo mais simples como a mão em negativo, não se contentando em fazer apenas uma, e sim, várias.

Para evitar que perdessem o foco, com paciência, instruía os grupos, incentivando a buscar se atentar a imagem feita na aula anterior, e o que eles faziam, comentando sobre os animais e a representação da figura humana. Dando dicas de como melhorar a pintura deles.

A maioria conseguiu entender a proposta depois dessas dicas, entretanto não conseguiram explicar o que estavam fazendo com exatidão na cartolina. A turma do segundo ano foi solicitada que contasse a história produzida, e a grande maioria não obtiveram êxito em detalhar a pintura. Os que falaram, inventavam uma história

na hora. Demonstrando que eles não pensavam antes de fazer a pintura, e sim, apenas pintavam.



Fotografia 7: Pinturas com cartolina em tinta guache

Fonte: Arquivo pessoal

Durante o desenrolar das aulas, observamos o voltar das questões estruturantes da proposta. A leitura da imagem não parou apenas durante a aula expositiva das imagens. Durante o processo das atividades, buscava-se entre os alunos uma reflexão sobre os elementos de suas pinturas, como eles se formam, o que eles contam, o como ele dialoga com as imagens vistas na pintura rupestre

Então, ao propormos a construção pela criança e pelo adolescente, da linguagem icônica, estamos permitindo-lhes entender a gramática visual e as relações entre a produção artística e a interpretação de obras num contexto sociocultural. (PILLAR, 1992, p.10)

Na quarta aula, a atividade foi no pátio da escola. O objetivo foi compor uma atividade em conjunto de toda a turma. Usou-se o papel kraft em rolo para que todas pudessem ter um espaço para compor sua pintura, onde o tema foi o mesmo das aulas anteriores, com tinta guache. Todos eles se empolgaram muito de ir ao pátio. Ao compor a pintura conjunta, eles fizeram mãos em negativo, animais e homens no estilo da pintura rupestre, preenchendo todo o papel.

Produzindo mais de um papel utilizaram muita tinta para se expressar, não pintando apenas com um ou dois dedos, mas com toda a mão. Interagiram entre eles para dividir as tintas e compor o desenho como um todo. O resultado com a expressão pictórica dos alunos foi satisfatório, utilizando de materiais acessíveis para pintar seus desenhos, expondo um bom trabalho em equipe. Com pequenas exceções, souberam respeitar bem o espaço do outro e interagiram com a pintura do colega.



Fotografia 8: Alunos do 1º C pintando um papel Kraft com tinta guache

Fonte: Arquivo pessoal

As turmas conseguiram produzir bons trabalhos que interpretaram bem o que a história primitiva retratava. Portanto, o desenvolvimento da proposta triangular nas turmas iniciais (nas demais também) proporcionaram um desenvolvimento sobre o tema-conteúdo estruturante da história da arte, permitindo uma relação mais próxima do tema com os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte/educação colabora para o desenvolvimento cognitivo e sensitivo das crianças e adolescentes, sendo crucial no currículo escolar. A arte mesmo sendo algo que não tem uma finalidade prática, ela é altamente necessária para o convívio humano e sociocultural. A proposta triangular de Ana Mae Barbosa, que se fundamenta na interligação do fazer artístico, da leitura da imagem e história busca salientar a educação de arte para os alunos, para uma melhor compreensão de si mesmo e do outro e para uma alfabetização imagética. Esta proposta corrobora para o desenvolvimentos e aprendizagem dos alunos, pois possibilita o diálogo entre a história da arte, o fazer artístico e a análise da obra de arte, que auxiliam no desenvolvimento cultural, perceptivo, contextual, motora, entre outras especificidades da arte. A partir dessa análise, foi possível desenvolver um plano de aula que aborde essas três bases da proposta, onde buscamos um diálogo

entre o tema central (Pré-história), a análise de pinturas rupestres e o processo de desenvolvimento artístico.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. **O professor tem de ser um provocador de sonhos**: entrevista. [março, 2006] São Paulo: ABC Education, n. 53, p.6-11. Entrevista concedida a Mas Altman.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. **A Imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1991

_____, Ana Mae Tavares Bastos (org.). **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1997

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. São Paulo: Cortez, 1996

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

GOMBRICH, E.H. **História da Arte**. Ed 16. LTC Editora, 2000.

MACEDO, Priscila. **Passo a Passo - Aula Arte Rupestre de forma criativa**. 2016.(5m54s). Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=PRdfs7x2RjI>. Acesso em 20 mai. 2018.

PILLAR, Analice. **O vídeo e a metodologia triangular no ensino da arte**; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Fundação lochpe, 1992

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abandono Escolar 215, 216, 217, 225

Ações Afirmativas 115, 116, 117, 118, 119, 122

Aprendizagem 5, 18, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 40, 43, 62, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 83, 90, 91, 93, 96, 97, 99, 101, 102, 106, 107, 109, 112, 133, 135, 138, 140, 142, 147, 151, 154, 156, 168, 183, 185, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 201, 228, 231, 233, 235, 237, 239, 242, 244, 245, 247, 248, 249, 250

Arte 28, 29, 71, 73, 74, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90, 91, 168, 183, 249, 251

Atendimento Educacional Especializado 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 248

Aula prática 188, 191, 194, 196

Avaliação 17, 33, 47, 59, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 109, 113, 118, 142, 151, 168, 177, 180, 185, 192, 197, 225

B

BNCC 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 247, 249

C

Competência 36, 109, 148, 149, 150, 152, 155, 156, 157, 160, 166, 201, 206, 211, 213

Cotidiano 9, 38, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 81, 83, 84, 85, 110, 142, 150, 155, 241

Cultura política 199, 200, 201, 202, 213

D

Didática 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 77, 109, 242

Direitos humanos 133, 135, 136, 146, 147, 160

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19, 23, 24, 25, 27, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 77, 79, 80, 81, 82, 84, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 137, 138, 139, 140, 145, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 225, 227, 228, 229, 232, 233, 235, 236, 237, 239, 240, 241, 242, 245, 246, 248, 249, 250, 251

Educação a Distância 100, 101, 107, 109, 112, 113, 114
Educação Ambiental 12, 14, 24, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 71, 72
Educação Básica 9, 2, 6, 10, 19, 40, 84, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 108, 117, 137, 139, 140, 170, 179, 185, 225, 227, 229, 232, 246, 249, 250
Educação Corporativa 148, 150, 151, 152, 155, 156, 157
Educação não formal 158, 160, 166
Educação Profissional 40, 46, 47, 157, 170, 171, 172, 175, 176, 178, 179, 200, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 225
Ensino Técnico 40, 170, 172, 215, 217
Extensão popular 116, 117

F

Formação cultural 48, 50, 51, 52, 54, 55, 58, 59
Formação de professores 3, 4, 5, 8, 10, 11, 36, 48, 49, 50, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 227, 229, 232, 234, 236, 237, 238, 242, 251
Formação Profissional 100, 101, 102, 172, 202, 235, 238, 246

G

Gestores 12, 13, 14, 15, 16, 17, 22, 23, 24, 38, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 108, 110, 111, 112, 114, 154, 162, 169

H

Histologia 188, 189, 190, 192
História da Educação 72, 200

I

Identidade 54, 76, 161, 166, 169, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 179, 180, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 248
Identidade Profissional 233, 241, 242
Interação 27, 30, 32, 33, 34, 36, 40, 63, 64, 69, 70, 81, 109, 133, 135, 140, 142, 162, 175, 185, 226, 231, 232
Interdisciplinaridade 62, 63, 64, 69, 71, 75, 226, 228, 229, 231, 232
Interiorização 53, 124

M

Modernização 106, 107, 124, 164
Multidisciplinaridade 13

P

Pensamento Complexo 73, 74, 228, 232

Política 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 14, 24, 37, 38, 39, 40, 45, 46, 47, 59, 65, 66, 83, 99, 105, 106, 112, 113, 118, 124, 125, 130, 134, 136, 158, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 169, 181, 184, 199, 200, 201, 202, 205, 211, 213, 219, 225, 241

Política Pública 6, 37, 38, 45, 47

S

Sensibilização 12, 13, 16, 17, 63, 71, 146

 **Atena**
Editora

2 0 2 0